

Relatório: Espaço Aberto de Unidas de 24 de maio de 2022

Em 24 de maio, aproximadamente 40 participantes compareceram ao nono Espaço Aberto de Unidas. O tema principal foi o **movimento anti-gênero na Europa**. Um painel de discussão entre especialistas foi moderado por **Andrea Dip, jornalista da Agência Pública e Ponto Nodal de Unidas no Brasil**.

No começo, **Sonia Corrêa, co-diretora do fórum global Sexuality Policy Watch (SPW)**, falou sobre as origens e o desenvolvimento do movimento anti-gênero como uma questão transnacional. Ele apresentou três hipóteses principais: primeiro, embora as atuais guerras de gênero tenham desencadeado há cerca de dez anos, elas têm uma genealogia muito mais longa e convulsiva. Elas tiveram origem, em meados dos anos 80 e 90, entre personagens católicas ultra-conservadoras e autores não-clericais, que apresentaram a "ideologia de gênero" como uma ameaça à família e à infância. Segundo, as atuais guerras anti-gênero que estão sendo travadas na América Latina e na Europa ecoam, em muitos aspectos, opiniões doutrinárias religiosas mais antigas sobre questões de gênero, sexualidade e aborto; no entanto, elas constituem formações políticas inteiramente novas. Embora seus argumentos estejam de acordo com as premissas católicas pré-existentes sobre sexo, procriação e os papéis complementares de mulheres e homens, eles não afirmam estar baseadas em doutrinas religiosas ou textos sagrados, mas seus argumentos são secularizados, especialmente derivados da biologia. Outra novidade é que, nos dez anos entre a consolidação desses quadros ideológicos e o surto da mobilização anti-gênero na Europa e na América Latina, a "ideologia de gênero" escapou do espaço católico onde foi criada para se tornar independente. Esta mutação se reflete na diversidade e na ampla gama de atores políticos, sociais e econômicos que mobilizam o discurso anti-gênero em nível nacional em todo o mundo. Terceiro, a elaboração das estruturas ideológicas que informam as atuais guerras anti-gênero, assim como as formações institucionais e políticas que as impulsionam, sempre foram transnacionais. Este entendimento é vital para compreender as conexões e os fluxos entre as políticas anti-gênero na Europa e na América Latina. As múltiplas trocas intelectuais que sempre tiveram lugar entre as duas regiões no campo do conservadorismo religioso e político não podem ser minimizadas. Finalmente, Sonia mencionou que é vital dar conta da vasta e intensa circulação do repertório anti-gênero através de plataformas digitais, especialmente na chamada "Iberosfera".

Damjan Denkovski, Diretor Executivo Adjunto do Centre for Feminist Foreign Policy, deu então uma visão geral dos movimentos anti-gênero na Europa. Ele explicou que, nesta região, até 2010, havia uma ideia de progresso contínuo em direção a mais direitos e justiça de gênero. Entretanto, na última década, pais e cidadãos preocupados lideraram uma luta contra a "ideologia de gênero", baseando-se em narrativas anteriormente promovidas por alguns setores da Igreja Católica e por think tanks e instituições da direita. Essas iniciativas foram apoiadas por acadêmicos, políticos, empresas e jornalistas. Na Europa, expressões como "defesa da família", "pró-vida" ou "valores tradicionais" são exemplos de algumas das formas mais sutis em que as narrativas anti-gênero entram nos debates políticos. Elas permitem a integração de conceitos facilmente digeríveis, referindo-se a uma sociedade construída por (e apenas estável com) unidades heteronormativas cis-sexuais, cujos direitos são implicitamente priorizados sobre os direitos daqueles que estão fora do binário do gênero e da heterossexualidade. Neste sentido, os discursos de anti-igualdade, anti-gênero e outros grupos de exclusão se sobrepõem fortemente, assim como sua retórica e repertórios de ações. Assim, as guerras anti-gênero evidenciam um objetivo mais amplo desses movimentos: desenvolver e produzir normas alternativas, em oposição fundamental ao conceito de direitos humanos universais e indivisíveis. Não se trata de gênero como tal, mas do poder e da manutenção e promoção de hierarquias sociais e políticas enraizadas no patriarcado, racismo, colonialismo e capitalismo onde quer que se perceba que elas estejam em declínio.

Segundo Damjan, um fator importante que permite a ação crescente desses movimentos são suas fontes de financiamento. Os atores europeus anti-gênero têm recebido cada vez mais financiamento anual, principalmente dos Estados Unidos, da Federação Russa e da União Europeia. Um mecanismo de financiamento, utilizado tipicamente no passado pelas organizações da sociedade civil, é a captação de recursos através de iniciativas de base com mobilização baseada em petições. Entretanto, além dos indivíduos que doam pequenas somas, o movimento anti-gênero europeu também tem acesso a bilionários

e milionários individuais das elites sociais e econômicas, que são capazes de doar montantes consideráveis para a causa e o fazem. Ao contrário, o financiamento da sociedade civil feminista na prática é caracterizado por um financiamento de iniciativas que fazem vaga referência a "mulheres e meninas", e estes fundos quase nunca chegam às organizações feministas e queer. Ele concluiu sua apresentação salientando que o Parlamento Europeu advertiu sobre a degradação do espaço civil em toda a UE, observando que em alguns Estados-Membros estão sendo implementadas regulamentações ou práticas deliberadamente repressivas que têm um efeito dissuasor que leva à autocensura da sociedade civil.

Após essas contribuições, no debate entre os participantes foram tratados os seguintes pontos:

- O principal ponto em comum dos grupos anti-gênero na Europa e América Latina é a construção do gênero como categoria acusatória: é uma ameaça à família, à sociedade, à natureza do ser humano. Uma diferença entre as duas regiões é que na AL, ao contrário da Europa, a questão do declínio demográfico ainda não chegou a um ponto de preocupação na política. Na Europa, a narrativa é que não podemos fazer com que as crianças tenham educação sexual, porque isso as ensinará a serem homossexuais ou a não se reproduzirem. Como consequência, se as crianças (brancas europeias) se reproduzirem menos, as outras (muçulmanas ou negras e marrons) se reproduzirão mais e assumirão o controle. Esta lógica é racista e xenófoba.
- O movimento anti-gênero tem uma plataforma de cooperação a nível internacional. Seus representantes têm coordenação direta e física através de aprendizagens, guias e treinamentos. Seus membros criaram um movimento altamente organizado.
- A Rússia se posicionou como um defensor da família tradicional. Seu discurso se espalhou na Europa Oriental. Devido a sua distância de América Latina, seu impacto pode ser limitado.
- Na AL, o espectro do comunismo tem sido capaz de mobilizar corações e mentes. A ideologia de gênero é equiparada ao comunismo, e esta díade mobiliza o pânico político.
- Na AL, há uma história de colaboração feminista com outros movimentos (como os sindicatos). Isto permite uma cooperação mais ampla no espaço da sociedade civil que vai além da tradicional colaboração de gênero. Este não é o caso na Europa.
- Desde o início dos anos 2000, grupos anti-gênero têm rejuvenescido sua imagem. Eles incluem pessoas mais jovens, modernas e mais atraentes em suas comunicações visuais. Houve uma modernização e secularização das línguas, vista principalmente como uma mudança para uma terminologia de direitos humanos.
- Trabalhar em parceria com outros jornalistas em investigações transfronteiriças é crucial para fortalecer o papel do jornalismo no combate às ameaças colocadas por esses movimentos. Desta forma, mais pessoas podem ser alcançadas e os jornalistas podem se proteger. Também é vital trabalhar com as organizações da sociedade civil.
- Roe v. Wade tem um impacto em LA e na Europa, pois estabeleceu um modelo de estratégia de longo prazo para os movimentos conservadores. Isso mostra como foram investidas quantidades significativas de dinheiro e lobby para levar juízes conservadores ao tribunal a fim de reverter o direito ao aborto. Para contrariar isso, tornar o direito ao aborto para que seja transnacional é uma estratégia política vital.
- As forças anti-gênero não são anti-direitos. Eles têm uma visão muito diferente dos direitos. Estamos enfrentando uma batalha no campo dos direitos humanos.
- Uma razão pela qual as pessoas se juntam a esses movimentos pode ser a desilusão generalizada com o sistema político. Há um sentimento de não ser reconhecido, o que também torna as gerações mais jovens mais regressivas em suas opiniões políticas.
- Estes grupos utilizam estrategicamente as redes sociais. Prova disso é que uma campanha de desinformação foi suficiente para que um Estado da UE tornasse inconstitucional a Convenção de Istambul sobre violência contra as mulheres. Estas campanhas são o suficiente para que se desdobrem em cascata para outros países e capitalizem o debate. Elas são difíceis de parar.
- A violência é intrinsecamente patriarcal. Todas as ideias anti-gênero têm origem na mesma ideologia violenta: a opressão de indivíduos que não seguem os padrões convencionais.